

ALÉM DA ESCRITA E DO GRITO: LITERATURA E VIOLÊNCIA EM *OS QUE BEBEM COMO OS CÃES*

BESIDES WRITING AND CALLING: LITERATURE AND VIOLENCE ON *OS QUE
BEBEM COMO CÃES*

Pedro Pio Fontineles Filho¹

RESUMO: o presente estudo tem como objetivo principal analisar a obra *Os Que Bebem como os Cães* (1975), de Francisco de Assis Almeida Brasil, objetivando, concomitantemente, explorar as inter-relações da História com a Literatura, em suas aproximações com as noções de espaço, tempo e memória. O estudo gira em torno da problematização dos olhares da narrativa ficcional acerca do período ditatorial no Piauí, em decorrência de o protagonista do livro ser um professor, Jeremias, preso e torturado por um regime ditatorial. Metodologicamente, o estudo se deu a partir das leituras analítico-interpretativas do primeiro romance do autor que compõe o que a crítica literária nacional e local convencionou chamar de Ciclo do Terror. Como diálogos teóricos, recorreu-se a Robert (2007), Arendt (2010), Foucault (2009) e Certeau (2011; 1999). A narrativa de Assis Brasil aponta para a revelação de memórias do cotidiano e as práticas do regime ditatorial.

PALAVRAS-CHAVE: História. Literatura. Memória. Ditadura.

Introdução

Não alcançamos a liberdade buscando a liberdade, mas sim a verdade. A liberdade não é um fim, mas uma consequência (Leon Tostói).

O homem não pode, não tem o direito de violentar o seu semelhante: é apenas isso, simples como a água em sua fonte, como os pingos da chuva (Assis Brasil).

¹ Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestre e Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professor Assistente do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Clóvis Moura.

O que é a verdade? É aquilo que vemos ao nosso redor, a realidade? Mas o que é a realidade? Tais perguntas parecem unicamente filosóficas, cujas discussões têm rendido inúmeros tratados ao longo da história do pensamento e da intelectualidade. Esses questionamentos ainda se acirram quando se colocam em cena as inter-relações entre História e Literatura, visto que, *a priori*, destinam-se à História a responsabilidade e o compromisso com a realidade, enquanto que a Literatura ficaria a cargo da invenção e da criação. Contudo, essa simplificação das especificidades de cada uma não consegue dar conta dos horizontes que nos quais ambas tem se lançado e aos quais os historiadores e literatos têm visualizado.

Por esse viés, é que o diálogo entre historiadores e críticos literários devem se aproximar no sentido mesmo de buscar referências ao tempo e ao espaço como dimensões integrantes e fundamentais a ambas narrativas. Dessa maneira, “nesse cruzamento que se estabelece entre a História e a Literatura, o historiador se vale do texto literário não mais como uma ilustração do contexto em estudo” (PESAVENTO, 2005, p. 113). O texto literário deve ser encarado como sendo um discurso revelador e (re) criador de realidades, tal qual a narrativa histórica. Daí *Clio* e *Calíope* andarem juntas nos desafios que levam aos caminhos do conhecimento da história do homem.

É imprescindível admitir que, em consonância com o que advoga Ítalo Calvino, em uma obra literária, “vários níveis de realidade podem apresentar-se ainda que permaneçam distintos e separados, ou podem fundir-se, soldar-se, misturar-se, encontrando uma harmonia entre suas contradições ou formando uma mistura explosiva” (CALVINO, 2009, p. 368-369). Tais níveis não podem ser dissociados da realidade referência à qual a narrativa de dada obra literária faz menção. Significa dizer que não se pode tomar a narrativa literária como algo que sirva como fonte, para confirmar hipóteses e teorias. O texto literário deve ser tomado em sua potencialidade de discurso e narrativa que também se debruça sobre a realidade, que também (re) cria tal realidade.

Como ressaltou Marthe Robert (2007), o romance assumiu aspectos tão imperialistas e universais que suas ligações com inúmeras ciências e saberes se tornaram parte de sua própria constituição como tal. E quando a verdade está inserida no universo dos acontecimentos políticos, sobretudo os de regimes autoritários? Os discursos de tais regimes proferem discursos com o intuito de (re) inventar e legitimar uma realidade. Nesse sentido, a análise da

obra de Assis Brasil² se justifica pela sua pertinência acadêmica e social no que tange às múltiplas ligações entre Literatura, História e Política, sobretudo pela atualidade do tema, e consequentemente do livro, visto que o país está vivenciando mobilizações para a formação da Comissão da Verdade, que pretende rever os crimes da última ditadura militar no Brasil, sendo que a atual presidente foi ela mesma uma vítima de tais violações à integridade individual.

A literatura é, então, encarada, como assevera Aldrin Figueiredo (1998), como fonte de história e não como fonte para história, assumindo seu papel importante como mais um discurso que (re) constrói e propõe denúncias da realidade. Vale ressaltar o que chama atenção Nicolau Sevcenko (2003), quando destaca que todo escritor possui uma liberdade “condicionada”, pois parte do seu tempo e de seu espaço para criar. Caso não fosse assim, o próprio aspecto da legibilidade textual seria inexistente, visto que são os referentes que permitem ao leitor chegar às possibilidades de compreensão e de interpretação do texto. Partindo desses pressupostos, é que para as reflexões teórico-metodológicas desse estudo, foram fulcrais as discussões realizadas por Certeau (2011; 1999), Arendt (2010), Robert (2007) e Pesavento (2005), que discutem sobre as potencialidades e limites do fazer humano, literário e artístico, ora na dimensão psicológica, ora na dimensão laboral e na dimensão ficcional. Nas análises voltadas sobre as práticas e estratégias voltadas para o controle do corpo e da violência, a partir das percepções do corpo, estão direcionamentos propostos por Foucault (2009).

Nesse sentido, o livro *Os que bebem como os cães* remete ao período da ditadura no Brasil. As cenas descritas na narrativa do livro, em geral, fazem menção às práticas de tortura que foram comuns entre os generais, soldados e policiais que eram responsabilizados pelo controle. Segundo Elio Gaspari,

² Francisco de Assis de Almeida Brasil é natural de Parnaíba - Piauí (1932). Assis Brasil é um dos romancistas piauienses mais importantes na atualidade. Os gêneros explorados por este autor são os mais variados, desde o romance, passando pelo conto, a novela e a crítica literária. Vive atualmente do ofício de escritor. De toda a sua obra, destacam-se dois ciclos: a Tetralogia Piauiense e o Ciclo do Terror (conjunto de obras que tratam de questões ideológicas, da violência e da natureza destrutiva do homem. Os outros livros são: *O aprendizado da morte*, *Deus, o sol*, *Shakespeare* e *Os Crocodilos*). No período da Ditadura Militar, decorrente do Golpe de 64, foram instauradas algumas regras, dentre as quais a proibição de reuniões com mais de três pessoas e o discurso político nas universidades, além de censura à imprensa e substituição da Constituição pelos Atos Institucionais. Nesse contexto, Assis Brasil publicou a maioria de suas obras.

Os oficiais-generais que ordenaram, estimularam e defenderam a tortura levaram as Forças Armadas brasileiras ao maior desastre de sua história. A tortura tornou-se matéria de ensino e prática rotineira dentro da máquina militar de repressão política da ditadura por conta de uma antiga associação de dois conceitos. O primeiro, genérico, relaciona-se com a concepção absolutista da segurança da sociedade. Vindo da Roma antiga (“A segurança pública é a lei suprema”), ele desemboca nos porões: “Contra a Pátria não há direitos” informava uma placa pendurada no saguão dos elevadores da polícia paulista. 1 Sua lógica é elementar: o país está acima de tudo, portanto tudo vale contra aqueles que o ameaçam. O segundo conceito associa-se à funcionalidade do suplício. A retórica dos vencedores sugere uma equação simples: havendo terroristas, os militares entram em cena, o pau canta, os presos falam, e o terrorismo acaba (GASPARI, 2002, p. 18).

Por esse diapasão, é pertinente dizer que as torturas sofridas pelo personagem do livro *Os que bebem como os cães* estão imersas em uma política comum ao período no qual a obra foi escrita. As relações do torturado e de seus algozes estão detalhadas na obra como uma referência à política de tortura que regia grande seguimento das forças armadas do país.

A partir dessas considerações iniciais, é fulcral dizer que o debruçar sobre o livro do escritor Assis Brasil, *Os que bebem como os cães*, não se trata de uma análise de sua obra como uma produção estritamente literária, mas como uma expressão de um dos momentos mais obscuros da história do país. Trata-se, então, de “resgatar da sombra e do esquecimento os que estão por baixo, na hierarquia das posses e dos privilégios” (SILVA, 2005, p. 13). Mais que isso, dar voz àqueles que foram silenciados, inclusive com a perda de suas vidas, dando-lhe a chance de entoar o seu “grito”, como sugere o literato Assis Brasil. Além disso, vale destacar que, ao se realizar aqui, a aproximação entre história e literatura não se está excluindo ou negando o que é inerente ao próprio romance, que é a ficção. Isso é importante, pois “nada no romance é tão óbvio e ao mesmo tempo tão visível quanto o fato de ser ficção” (GALLAGHER, 2009, p. 629). No entanto, é possível extrair da narrativa ficcional seus elementos que mantêm ligação com o mundo exterior, com a história e com o tempo e é nessa extração que se analisa o livro *Os que bebem como os cães*.

Nas trilhas da escrita: aspectos históricos e traços narrativos

A repressão foi intensa na época da ditadura militar - particularmente entre dezembro de 1968, quando foi promulgado o AI-5 - e no início do processo de abertura política "lenta e

gradual" adotado pelo general Ernesto Geisel, a partir de 1975. Aparentemente, a fúria repressiva da ditadura parecia querer estancar e suprimir - imediata e definitivamente - qualquer manifestação cultural que apresentasse o mais leve indício de significado crítico e político ou, ainda, uma natureza ideológica radicalizada. Censurou indistintamente todo tipo de obra - provocando súbitas dilacerações ou doloridos silêncios em seus frágeis corpos; criou dificuldades objetivas para a circulação e a distribuição da maior parte delas, atacou a vida universitária e afetou gravemente o destino imediato de vários segmentos da produção cultural. Não bastasse isso, exerceu também árdua censura diária à imprensa.

O objetivo da ditadura, em larga medida, era também o de calar a voz da sociedade e o de comprometer a qualidade da formação política, afetiva ou intelectual dos cidadãos. Movidos pela ânsia documental e pelo desejo de narrar a história recente que ainda, por força da opressão, não havia sido relatada, surgiram romances, que hoje podemos chamar de "geração da repressão". O romance-documental empenhado em denunciar as truculências e brutalidades da repressão política. O melhor exemplo, no universo literário piauiense, é *Os que bebem como os cães*, de Assis Brasil (1975).

Os que Bebem Como os Cães deram novamente a Assis Brasil o Prêmio Walmap, em 1975. É uma obra de cunho político. Aqui, o autor denuncia o submundo da opressão militar. Embora não seja evidenciado o tempo em que transcorre a narrativa, fica implícito se tratar da ditadura militar no Brasil. O enfoque principal é o personagem Jeremias. Professor de Literatura e de Artes, é preso por contestar o sistema vigente. A narrativa se inicia com o protagonista no cárcere. Completamente dopado, vivendo em um cubículo escuro, com os braços algemados para trás (em condições animais para comer, fazendo suas necessidades fisiológicas na roupa), No pátio da cadeia, local do banho, observa o comportamento dos outros presos, que gritam os nomes de seus entes queridos e, por esta ousadia, são punidos pelos guardas com mordaca, para não se manifestarem mais. Com o passar do tempo, os presos cometem suicídio esfregando os pulsos num muro da prisão, acontecimentos que fazem com que, aos poucos, o personagem se lembre de sua identidade e de sua vida antes de ser preso e forçado a se contentar com as migalhas das refeições servidas raramente. Não se lembra de nada ligado a sua vida. O enredo vai repetindo a monotonia de sua estada na prisão (A Cela - O Pátio - O Grito) por 41 capítulos, inserindo o leitor no massacre psicológico sofrido pelo preso. Na cela, Jeremias vive em um clima de desorientação

temporal, o que, com as drogas que ingere nas refeições, dificulta-lhe a organização de seus pensamentos, grande é o sofrimento de Jeremias, preso, faminto, em condições animais. Assis Brasil faz questão de enfatizar isso ao longo de várias passagens do romance.

A referência que Assis Brasil faz aos espaços, o pátio e a cela, remetem às práticas e estratégias de controle, de política disciplinar, que tem sido (re) construída ao longo da história da humanidade. Segundo Michel Foucault,

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos (FOUCAULT, 2009, p. 142-143).

São espaços que tentam, na lógica da vigilância e da punição, tornar o isolamento uma parte integrante da massificação, ou seja, mesmo nos momentos em que os presos se aglomeram nos pátios, a privação dos gestos e das maneiras de suas disposições em fileiras os torna incomunicáveis. Nesse mecanismo de controle, o horário, o caminhar, o olhar, o corpo de maneira geral, são todos manipulados de tal maneira que a opressão seja internalizada, se não pela mente, pelo próprio corpo. O corpo era, em primeiro momento, o seu único interlocutor. Era por meio dele que começava a conhecer os espaços nos quais estava. O seu corpo era seu único instrumento para a compreensão das coisas:

Por quanto tempo a terra abafada pelo próprio corpo? Horas, dias – lembrou-se de que precisava comer ou urinar ou falar ou gritar, mas na verdade não tinha vontade de fazer coisa alguma, queria apenas permanecer na posição incômoda, como se estivesse em maratona para que o corpo podia resistir a tudo. Tentou se mexer, mas sentiu que o ombro direito, fincado no chão, estava dolorido – puxou o braço nas costas, e as algemas nos pulsos rasgaram a carne com um estremeamento: o silêncio foi interrompido com uma espécie de chiado – podia agora saber que sangrava, havia um novo odor no ar abafado – o sangue cheirava a barro, a ferro com ferrugem, cheirava a terra seca quando recebe as primeiras chuvas (BRASIL, 2010, p. 13).

Sentir seu corpo, percebendo até onde iriam suas dores e movimentos, eram uma de suas maneiras iniciais de sentir vivo, de resistir às opressões às quais lhe submeteram. O seu

corpo era sua sinalização de poder individual. Era precisa comandar o próprio corpo, para não se perder na falta de identidade, na sua total submissão.

No entanto, em seus momentos de muita sofreguidão, depois de muito ser torturado pelos policiais e de ver os outros homens morrerem, o seu corpo já dava os sinais de sua tristeza, de sua fraqueza psicológica. Em sua cela, à espera para se lançar ao pátio e ao muro, para o sacrifício da própria vida, ele sente seu corpo esvaír:

Os ombros, os braços, as mãos, que há muito haviam perdido a elasticidade, doíam mais agora – uma espécie de dormência de dormência ia tomando conta de seu corpo. Não se alimentara – tentara, sem resistir àquele prato diferente, que lhe fora mais um castigo do que um prêmio. Bebera alguns goles d’água no pátio e estava pagando por tudo – enfraquecia, embora ainda os sentidos estivessem em ativa avidez pelo real. O corpo cada vez mais fraco, acabaria perturbado e esquecido, massa acéfala e insensível, como se continuasse a ingerir o que o dopava: água ou alimento, ou ar poluído e grave da prisão (BRASIL, 2010, p. 126).

Em vários dias de confinamento, os sentidos como a visão, o tato e audição estavam comprometidos, mas eram a eles que Jeremias se apegava para tentar compreender o que acontecia ao seu redor. Para tentar entender as razões de sua situação naquele momento:

A escuridão é ampla e envolvente.

O silêncio total, cortado apenas por aquele velho barulho que parte de seus ouvidos. Sempre fora assim: quando em silêncio, em paz ou em expectativa, o zumbido voltava, em duração enervante, direto com a fala direta do policial: - Deixa as mãos dele algemadas.

Aos poucos, ia apalpando o escuro da cela, o silêncio da escuridão, o zumbido do próprio corpo – estava no chão frio: não era cimento nem tijolo, terra batida, úmida, mas não molhada ao ponto de ensopar sua roupa – os braços para trás das costas, os pulsos algemados.

Aos poucos, ia apalpando o chão com o corpo, de bruços, o rosto quase a tocar a areia: - sentia o cheiro da terra – uma terra velha e usada, com cheiro de mofo, com cheiro de urina – sentia as paredes, mesmo sem velas na escuridão: a opressão do cubículo estava em seu corpo, em seus poros. A posição era incômoda: as mãos nas costas, o corpo meio de lado, o rosto na areia fria.

- Deixa as mãos dele algemadas. (BRASIL, 2010, p.13).

Os policiais, em sua condição de carcereiros, como chama atenção Foucault (2009), comunicam “um tipo de poder que a lei valida e que a justiça usa como sua arma preferida” (FOUCAULT, 2009, p. 286). As leis estavam, no momento do regime ditatorial no Brasil, voltadas para o silenciamento de todas as formas de manifestação contrária ao regime.

Revista Literatura em Debate, v. 7, n. 12, p. 19-38, jul. 2013. Recebido em: 31 maio 2013. Aceito em: 30 jun. 2013.

Além disso, não se tinha preocupação com qualquer integridade ou conforto dos presos, visto que até “(...) a ducha fria o fez urinar novamente nas calças” (BRASIL, 2010, p.17). Se não fosse o suficiente a água fria, ainda se deparava com outra situação, pois as privações eram muitas:

A porta, a claridade que entra, os soldados que não podiam ser encarados, a presença da farda amarelas, as botas luzidias, o metal das vozes.

- Tirem as algemas.

- Coloquem o esparadrapo.

Os ombros ainda estão doloridos, há ainda alguma coisa em seus pulmões, o ar oprimido da respiração – o empurrão até a borda do tanque. Levanta os olhos: a fileira dos homens esfarrapados do outro lado, a água, o barulho da água. O banho. UMA VEZ POR MÊS.

Uma vez por mês.

Assustou-se. O vizinho de fila lhe dera a informação: o banho no pátio era apenas uma vez por mês. Aproveite, dissera ele. Mas entre a vez anterior, o prato de sopa, e outra vez no pátio, não deveria ter se passado mais do que um dia. Um mês. Impossível. Se isso era verdade, se passara um mês para voltar, então a noção de tempo, que tentara medir pelo conforto de seu corpo, estava errada (BRASIL, 2010, p. 25).

A sensação do tempo, ou melhor, a temporalidade como a subjetivação que cada pessoa faz do tempo, estava comprometida pelas práticas de tortura do aprisionamento. O corpo que seria a sua única maneira de “medir” ou sentir o tempo, já não parecia lhe dar as respostas adequadas. Essa “confusão” sobre a medida do tempo, em parte estaria à forte tendência de atribuir ao tempo noções simbólicas de aspectos evolutivos. O “tempo passa” a processos contínuos e encadeados. Nessa concepção de tempo está, também, o “estabelecimento de uma relação, no seio de uma única e mesma sequência de acontecimentos, entre o que se produz ‘mais cedo’ e o que se produz ‘mais tarde’” (ELIAS, 1998, p. 61). Qualquer acontecimento ou evento que comprometam as relações de tais produções cria a sensação de que o tempo está sendo experimentado em desordem. A experiência do tempo, em sua ligação com o corpo e com o espaço está em uma ligação direta entre o tempo e a matéria, a materialidade, visto que “tempo, espaço e matéria são, pois, ideias que penetram o nosso conhecimento das coisas” (LOPES, 2006, p. 167) e do próprio tempo.

O direito básico à alimentação era desconsiderado ou tratado de forma a igualar os presos a animais. Nesse sentido, “A porta grande não foi aberta, apenas uma portinhola em

baixo, onde deixava algo parecido com um prato. A natureza sábia e cruel lhe transmitiu logo um cheiro diferente - um cheiro cálido, mas não identificador” (BRASIL, 2010, p. 19). Mesmo diante dessa situação humilhante, Jeremias ansiava por comida “E esperou novamente que lhe trouxessem o prato, para que, como um cão, sorvesse a coisa quente e estranha. Os sentidos já pareciam viver em função disso: a mãe natureza, cruel e sábia” (BRASIL, 2010, p. 24).

Buscando incessantemente manter a sanidade e compreender o que estava acontecendo, Jeremias começa a refletir sobre a própria vida e a razão de viver. Em um processo introspectivo, começa aos poucos a (re) descobrir alguns valores, como, por exemplo, Deus:

Oh Deus - repetia. (...) O meu amor por Ti é novo, pois não Te conhecera antes (...). Minha mãe, os entes que amei, ficaram na escuridão do mundo, perdidos, e eu Te achei na claridade desta cela. Peço que me equilibres os gestos e os pensamentos, assim como os gritos dos homens atormentados receberam a harmonia da tua presença. Perdoa-me, Pai, por não te haver conhecido antes. Perdoa este teu servo rebelde e perdido (BRASIL, 2010, p.46-47).

No pátio se depara com o autoritarismo dos soldados. A liberdade de expressão é cerceada por uma mordaca. Os presos, ao soltarem seus gritos de agonia, são amordaçados e impelidos brutalmente para seus cubículos, sofrendo ainda mais privações. O pátio, além de ser o momento de higiene, representa o contato com os outros homens, um anseio maior de liberdade. No pátio “ia sentir novamente a claridade, ia sentir o sol, a água, e era bom também ouvir o grito daqueles homens esfarrapados”(BRASIL, 2010, p.25).

O grito é o momento de desespero dos prisioneiros antes de retornarem para as celas, pouco prazer está no pátio, o sol, o céu, a brisa a passar por seus corpos magros, quando os soldados se aproximam para levar os presos para a cela eles entram em desespero. As expressões que saem de suas entranhas representam valores afetivos distantes, como "mãe", "Deus" e nomes de mulheres. Em vários momentos ele gritava: -“Mamãe! - o homem berrou”(BRASIL, 2010, p.18). No entanto, Jeremias não se lembrava de nada, refletindo e se questionando: “Mas eu não posso me lembrar. Minha mãe. Onde ficara minha mãe, minha vida?” (BRASIL, 2010, p. 47).

O personagem só começa a se dar conta do que acontece quando percebe que a água e o alimento deveriam conter drogas para entorpecer os prisioneiros. Deixa de tomar água do pátio e diminui a quantidade de sopa que toma, deixando o resto para os ratinhos que o visitam. Com os pés, faz um buraco para armazenar pingos da chuva que caem de uma goteira para matar a sede. Aos poucos, Jeremias vem se reconhecendo: lembra-se de seu nome e profissão; que era casado com Dulce (criticando-o por se envolver com questões políticas); que possuía uma filha, Cacilda (de longas tranças, desejando a boneca da avó); de sua mãe, Matilde (com uma expressão serena) e do pai (não nomeado, chamando-o de profeta em alusão à Bíblia). Seu momento auge é quando o personagem diz: “Meu nome é Jeremias” (BRASIL, 2010, p.109). Isso foi fundamental para que começasse a compreender o que estava acontecendo. Lembrar-se de sua identidade foi importante para a sua própria localização espacial e social, pois era possível entender as razões de sua prisão. Dessa forma, o seu lugar social, como diz Michel de Certeau (1999), possibilita visualizar os conflitos e disputas nas quais se inserem os sujeitos. Isso o deu forças para demonstrar algumas ações de resistências, visto que “Fizera progresso em sua recusa em se alimentar. Não bebia a água do pátio, não comia a comida da cela”(BRASIL, 2010, p.110).

Começa a compreender que os soldados amarelos representam a opressão e a perda da expressão de liberdade, com suas marchas cadenciadas, ordens ríspidas e autoritárias. A imagem que lhe chegava, em meio às suas percepções alcançadas pelo seu corpo, era a de que “As botas, as botas lá fora, como um reflexo, um relâmpago. A esperança do pátio, da volta – eles vêm vindo, marchando, firmes em sua autoridade e poder. Eles vêm vindo para contemplar a sua derrota, ou o seu desafio?” (BRASIL, 2010, p. 112). Todas essas ações e percepções começam a povoar as reflexões e sofrimentos de Jeremias, pois, contraditoriamente, na medida em que recobrava sua sanidade e sua consciência, após período de entorpecimento, aceitar aquela realidade se tornava algo extremamente insuportável.

Para além do pensar e do agir: os limiares da condição humana

De fato, a tortura procura produzir a aceitação de um discurso de Estado pela confissão de uma perversão: afinal, ao torturar sua vítima, o carrasco pretende reduzi-la a ser apenas isso, um

lixo, a saber, o que o próprio carrasco, além de ser, sabe que é, mas sem confessá-lo (CERTEAU, 2011, p. 197).

Em meio à busca de sua integridade mental, na tentativa de conseguir sua liberdade e de seus “companheiros” de prisão, Jeremias pretendia lançar um grito que pudesse animar os demais. Era preciso ter o apoio dos demais presos, que pareciam se deixar levar pelas torturas e não mais lutavam. O grito seria sua tentativa de ter a identificação com os demais, de fazer com eles retomem sua indignação, assim como a sua:

Os olhos se fixaram nos homens do outro lado do tanque, e gritou ferozmente:
- Vivam, homens!

Duas mãos afogaram sua cabeça no tanque, e permaneceu assim, até sentir que se asfixiava – o corpo reagindo em convulsões. Bebeu um gole maior em sua angústia e achou que os olhos saltavam do seu rosto.

Foi solto e sentiu o corpo rolar pelo chão duro do pátio. Tossia e botava água pelo nariz e pela boca.

Duas botas reluzentes estavam próximas a seus olhos. A vista turva, nunca podia ver a cara daqueles homens fardados. Eles sempre ficavam em certa posição em que a luz impedia o detalhe de suas faces (BRASIL, 2010, p. 73).

A perda de identidade parecia comum a todos. Os outros presos não se identificavam com nenhuma causa, não reagiam, não se viam mais como homens, não “viviam”. Os torturadores não possuíam identidade, eram somente os homens de farda, que seguiam algum tipo de comando, ordens que diziam somente que eles deviam manter o controle dos presos. A única saída que o Professor Jeremias vislumbrava era o seu grito, para romper aquele silêncio, aquela realidade que não tinha uma explicação. A falta de diálogo constante entre os presos também incomodava Jeremias, pois a proibição de conversas entre os presos fazia parte das estratégias de contenção de rebeliões. O grito era um dos poucos momentos nos quais se podia ouvir a voz um do outro, mesmo que fosse surrando uma só palavra, geralmente a palavra “mamãe” ou o nome de uma mulher, uma amada. O grito era um momento de lucidez e de humanidade. Por esse viés,

O grito era a única realidade ali – um desabafo, um equilíbrio de emoções, uma esperança, o sinal de uma vida já vivida. Podia sentir isso: e passou também a viver em função dos gritos, assim como tinha até então vivido em função do prato quente de sopa.

E o grito seria uma nova etapa temporal de seu cárcere – o tempo de seu corpo, de suas emoções limitadas entre as quatro paredes escuras.

E, embora sabendo que não podia gritar, dizendo o nome de quem quer que fosse, aguardava sobressaltado que os homens acabassem suas pequenas tarefas e começassem a berrar. Eles sabiam que cada um poderia dizer apenas um nome ou proferir uma exclamação – o esparadrapo brutal vinha duro como um coice, para selar-lhes os lábios. Mas insistiam e talvez até morressem por aquele momento (BRASIL, 2010, p. 27).

Ele não se conformava com tal circunstância de brutalidade. Por várias vezes, seus opressores ameaçaram: “Se gritar, vai apodrecer lá dentro” (BRASIL, 2010, p. 74). Não era permitida qualquer manifestação de humanidade, gritar por ajuda, gritar com a intenção de pedir explicações ou com o intuito de despertar levantes nos demais presos era terminantemente proibido, pois comprometia a “ordem” que se intentava impor pela força.

Nas estratégias de tortura havia as “negociações”, as trocas. Ele teria de escolher manter o grito ou ter o direito ao pátio, que era o único momento no qual podia sair das condições subumanas da cela. O pátio era o símbolo de uma liberdade condicionada, de uma liberdade falseada, mas mesmo assim, ainda era liberdade. Ficava, então, a se questionar o que fazer:

O grito em troca do pátio, daquela pequena liberdade – o ar, a luz, a presença dos outros, o contato do corpo com a água, os pés na laje fria – o contato com os outros homens, mesmo em silêncio, em murmúrios.

O grito em troca de pequenos confortos do corpo.

Mas o grito seria um novo conforto revificador, uma esperança – o amor, a paz, Deus – o grito lhe transmitia as coisas que poucos homens atingiam só quando se sacrificavam.

Estava certo disso agora: o grito, o seu grito seria o seu sacrifício pelos outros homens, por si próprio, embora tivesse que pagar na própria carne a audácia por querer mostrar que não tinha medo e podia se revoltar (BRASIL, 2010, p. 74).

Contudo, a fraqueza física, bem como o medo (in) consciente, o impediram por vários momentos. Mesmo assim, ainda fora da cela, pois continuava a refletir sobre

O grito em troca de pequenos de pequenos confortos e a esperança de despertar os homens para a sua própria condição de torturados e ofendidos.

E levantou a cabeça resolutivo, vivaz, feliz, e gritou um grito de seu âmago, como se fosse a última coisa que faria:

- Vivam, homens!

E mais alto:

- Vivam, homens, pelo amor de Deus! (BRASIL, 2010, p. 74).

Alguns dos homens esboçaram o mesmo grito, então começou a correria, na qual os policiais agiram com pancadas e levando todos que podiam para suas respectivas celas. A cena se repetiu, dessa maneira, por várias vezes e em todas as oportunidades, em sua pequena liberdade, ele fazia uso de seu grito:

Ainda estava livre e tentou um novo grito:

- Vivam, homens!

O atropelo se acentuou em suas costas: sentiu a pancada na boca e a voz autoritária:

- Não come hoje de noite (BRASIL, 2010, p. 85).

Naquele instante, Jeremias percebeu que o silêncio dos demais homens não se dava pela indiferença, mas pela repressão que sofriam constantemente. Eles simplesmente não queriam sentir mais a “pancada” a qual Jeremias sentia agora. Além disso, também não queriam ser privados da necessidade básica da alimentação. Pretendiam viver, pelo menos se alimentando. Os algozes do professor sabiam que a truculência física sozinha não era o suficiente para afugentar os lampejos de liberdade que acometiam Jeremias. Ao lado disso, alertavam-no de que não teria o direito ao jantar. Eles poderiam simplesmente não dar a refeição a ele, mas isso seria algo repentino. A tortura se configurava, também, no fato de que ele foi avisado e que, até a hora do jantar, ele ficaria na certeza de que a comida não lhe seria servida.

O medo e a indignação pela fome e privação torturavam-no tanto quanto a violência corporal sofrida. Jeremias compreendia isso, visto que “a maneira como agiam os guardas, o que diziam, tudo parecia fazer parte de um plano – havia uma ironia no ar, um sarcasmo em relação às vidas que se feriam” (BRASIL, 2010, p. 85-86). Os guardas sabiam que estavam lidando não somente com corpos. Estavam lidando com vidas e que tais vidas eram o bem mais incontestável daqueles homens. No seio da cultura ocidental, quando se passa a ter a vida como centralidade a partir das perspectivas do cristianismo, “a vida na Terra passou também a ser o bem supremo do homem” (ARENDRT, 2010, p. 395).

Jeremias era, como os demais, a figura torturada. Estava em choque, pois que realidade era aquela? Quem delegou àqueles guardas autoridade tal que os permitisse agir daquela maneira? Nesse sentido, Jeremias vai compreendendo que “o torturado fica surpreendido por deparar-se com uma lei inesperada para ele; de fato, finalmente, não lhe é

solicitado para declarar como verdadeiro o que ele considera como falso” (CERTEAU, 2011, p. 198). Tudo isso acontecia ao passo em que Jeremias, meio atordoado por ainda nem se lembrar do próprio nome, via-se enfileirado, seguindo os comandos de disciplina dos guardas, que os mandavam marchar de um lado para outro.

No momento no qual ficavam todos perfilados em frente às suas celas, Jeremias sentia um universo de sensações: medo, angústia, tranqüilidade, alívio, esperança. Tinha medo de nunca mais sair daquela cela, de não caminhar, de não sentir, por alguns instantes, rufos da brisa ou o ardor dos raios do sol. Sentia um certo alívio e esperança, pois pensava que, enquanto estivesse na cela, estaria “protegido” de outras agressões. Enquanto a cela estivesse fechada, estaria separado dos socos e pancadas dos guardas. Parecia loucura sentir esperança em meio àquela situação, mas era a esperança que os mantinham vivos e relativamente conscientes.

Em todo instante, na cela ou no pátio, Jeremias procurava manter-se lúcido. Estava sempre pensando sobre o que estava acontecendo e sobre o que poderia acontecer. Ele sabia que nem tudo o que ele pensava poderia ser expresso, ele não poderia se manifestar. Sentiu isso literalmente na pele, quando tentou insuflar seus “companheiros” e foi brevemente espancado e ameaçado de ficar sem refeição. Agir seria a reação primeira em respostas às violências às quais estava sendo submetido. Como destaca Hannah Arendt (2010), em condições de liberdade política, o pensamento é uma atividade humana das mais possíveis e marcantes do homem moderno e pós-moderno.

O pensamento é, em larga medida, a expressão da própria liberdade, mas, “ao contrário do que correntemente se supõe sobre a proverbial independência dos pensadores em sua torre de marfim, nenhuma outra capacidade humana é tão vulnerável; e é realmente muito mais fácil agir do que pensar em condições de tirania” (ARENDRT, 2010, p. 406). Jeremias percebia tal vulnerabilidade, pois do que adianta pensar, se não lhe era permitido demonstrar os pensamentos? O agir, em tais condições de privação, é um agir que não reflita pensamentos, sobretudo pensamentos de insurreição ou de questionamento. A “liberdade” das ações é condicionada e vigiada. Agir conforme as regras e a disciplina seria a garantia de integridade parcial do indivíduo.

Seu pensamento o fazia sentir novas experiências. Sua relação com as coisas, com os espaços e com o próprio corpo era modificada. Ao entrar na cela, sentia-se cada vez mais

“acostumado”, pois o espaço já se tornava lugar, não de pertencimento, mas de reconhecimento. Qualquer sinal que indicasse que estava vivo era motivo de apaziguamento, mesmo que passageiro. Assim era em seu contato com a cela quando

Deixou-se sentar aos poucos, até sentir o chão úmido. A aspereza da roupa nova estava em seu corpo, o molhado da água, e se achou com certo conforto, uma certa paz – a inércia também era um entorpecimento, uma derrota (BRASIL, 2010, p. 87).

A umidade, a aspereza, o molhado...sensações que o faziam ter a certeza de que estava vivo. Um “entorpecimento” que o fazia pensar, também, que a derrota existia, visto que a tirania parecia ter vencido a liberdade. Essa verdade sentida em seu corpo o credenciava pensar na certeza de que a liberdade se constitui em todos os detalhes da vida, de que a liberdade é muito mais prática do que um conceito abstrato de cunho filosófico.

Até sua percepção do tempo é transformada, visto que o tempo demarcado pelos horários do trabalho e da casa estava diluído nas incertezas do vazio. “O tempo. O tempo formado pelo meu jejum. O tempo passa e o sinto mais perto e cruel – o tempo da lucidez mais palpável, a espera mais prolongada e objetiva”(BRASIL, 2010, p.110). O tempo do romance é ficcional e psicológico. É o narrador onisciente (de terceira pessoa) que nos mostra os conflitos e as revelações interiores do protagonista. Tais descobertas é que se integram à trama, juntamente com a vida na prisão. Suas referências eram outras naquele instante: o tempo do pátio e da cela. Tempo esse que era coordenado pelos apitos e gritos dos guardas que diziam como e para onde andar. Naquela nova e depressiva realidade

O tempo custava agora a passar. Estava sentido isso pela primeira vez: o tempo custava a passar. Comera pouco, bebera pouco, e o entorpecimento cedera à consciência – o real se manifestava mais nítido, e iria sofrer por isso, sabia, mas sofreria o passar dos minutos e das horas que poderia alcançar. A espera, enervante ou não, mas sem aqueles saltos no espaço, no vazio (BRASSIL, 2010, p. 88).

O tempo, como categoria mental, social e histórica era o elemento norteador da sensação de racionalidade de Jeremias. A perda das referências de tempo também se configura como a perda de traços da identidade do indivíduo. Em meio à consciência que se restabelecia, outros delírios se misturavam aos pensamentos da realidade. Talvez como uma forma de se manter são, como uma fuga mental para outro tempo, para outra realidade. Daí

seus lampejos de memória, que o faziam lembrar, de maneira confusa, de momentos com sua mãe, Matilde. Em suas tentativas de compreender a realidade na qual fora imerso naquele instante, começou a considerar que “talvez fosse melhor assim, já havia pensado nisso – o entorpecimento dos sentidos, da mente, o seu passado em ligeiros fragmentos, talvez contribuisse, para que não se desesperasse numa longa espera por nada” (BRASIL, 2010, p. 89).

Sua busca por consciência e por sua própria humanização o fez observar atentamente os ratos que frequentavam constantemente sua cela. Os ratos eram, para ele, a sua medida entre a sua condição humana e a perda de identidade, de humanidade. Para ele,

Os ratos não eram simples autômatos irracionais, programados para a sobrevivência, para a procriação. Havia algo além da necessidade física de um pequeno animal, de um grande animal – dois deles viviam ali na semiescuridão de uma cela, existindo sob o impulso primordial de sua natureza, que não era apenas um feixe de células e de nervos (BRASIL, 2010, p. 130).

Essas simples constatações lhe tranquilizavam, pois lhe pareciam como a tomada de raciocínio lógico, da racionalidade que, a priori, aquela situação de privação havia lhe castrado:

Sentiu-se mais tranquilo com os últimos pensamentos – os ratinhos eram seus companheiros: no ar que respiravam, num sentimento que acalentavam – alguma coisa maior, além daquele prato fumegante. Além daquele prato – e seus olhos estavam cravados nele, bem no meio da cela, envolto no mistério de sua aparição silenciosa. O aço em seu reflexo repetido, o fumo que o encobria em estranha espiral (BRASIL, 2010, p. 130-131).

Sua consciência se encontrava pelo não entorpecimento em relação à saciedade ocasionada pela comida e pela água. Aliás, era uma estratégia de seus opressores: deixar o corpo exausto, faminto e sedento, para que o foco do preso se perdesse com os pequenos, mas elementares, momentos de prazer e satisfação. A comida e a água funcionavam como uma espécie de entorpecente, que fazia parte das ações de animalização das pessoas, relegando-as às necessidades básicas e comuns a qualquer animal: o comer e o beber.

A racionalidade por ele recuperada se dava com a compreensão de que o tempo se manifestava de maneiras diferentes, eram temporalidades diferentes. Dessa maneira,

Não se deixara entorpecer pela água do tanque ou pela comida, mas seus pensamentos – a volta àquele sótão – tinham sido também um antídoto para o tempo, para a realidade circunvizinha. Sofria com o tempo que não passava em seus sentidos, sofria com a abstração forçada, ou com a simples fuga para regiões que não mais alcançava. Estava sendo dilacerado. (BRASIL, 2010, p. 131).

“Estava sendo dilacerado”. Esta é uma das expressões mais significativas de seu sofrimento, da violência que sofria. Não uma violência unicamente física, pela privação de seu corpo que se restringia à cela e ao pátio. Era a violência que limitava o pensamento, pois os limites da compreensão do que estava em volta, do que acontecia começavam a tirar as demonstrações de sensatez do preso.

O auge desse dilaceramento está em sua resignação, em sua resistência ao sofrer. Não suporta mais a humilhação vinda dos policiais. Não aceita que seu corpo seja tão privado de liberdade. É preciso se juntar aos muitos que já haviam feito seu sacrifício. Ele começava a compreender que, em meio ao terror da tortura, “a morte dos homens poderia também significar uma reação, uma revolta mais firme, com a cor do sangue e do sacrifício. Eles se deixavam morrer ou se matavam em busca de um alvo, um fim a alcançar” (BRASIL, 2010, p. 77).

No pátio, a saída seria o muro. Logo o muro, que tem a função de delimitar a prisão e a liberdade oferecida pelo mundo exterior. Naquele instante, o muro seria a ferramenta de liberdade para Jeremias. Certo disso, o professor Jeremias

Esfrega com certo fervor os pulsos no muro, uma, duas, dez vezes, e vê o sangue saltar para suas mãos e respingar em seu rosto. O sangue generoso como a água do tanque, continua a tingir o muro, mais e mais, o trabalho se realiza, a sua tarefa. Descobre-se de joelhos e suas mãos não mais alcançavam a última mancha, mas a sua cor rubra está ali, esmaecida ou por fenecer, completa e uniforme – para os que saberão vê-la e senti-la: o esforço dos homens, o seu tributo. O sangue escapa-lhe das veias como uma pequena torrente – uma poça se forma no chão, no pé do muro, e tenta se lembrar quando gritou pela última vez por sua mãe (BRASIL, 2010, p. 146-147).

Com essa ação, Jeremias faz um tributo aos presos que, anteriormente a ele, tomaram a mesma atitude. Em seus pensamentos, as muitas manchas no muro deveriam significar algum recado, alguma mensagem daqueles homens para seus entes queridos. Naquele instante, Jeremias também se lembra de seus familiares, pensando que os laços de amor e fraternidade devem existir em algum lugar e que são eles que devem reger o mundo. O suicídio não era visto como sinônimo de fraqueza, mas sim como a única ferramenta que os presos dispunham para resistirem.

Ao fazer aquilo, eram detentores do poder e do controle do próprio corpo. A disputa de poderes se dava não mais na escala do poder macro, na esfera das instituições. O poder agora era disputado no nível da circunstância micro, pois comandar o próprio corpo, fazer a opção do sacrifício era não deixar o corpo ser mutilado por aqueles que detinham o poder da tortura. Sua maior, talvez a única, manifestação de liberdade naquelas circunstâncias de privação de liberdades.

Considerações Finais

Os que bebem como os cães, mais que um romance de alcance e bases unicamente ficcionais, é um registro narrativo que apresenta possibilidades várias de visualização de uma temporalidade, ou de temporalidades e de memórias de um tempo. Temporalidade cortada pelas práticas autoritárias do regime ditatorial no país, que teve suas marcas em todo o território nacional. O livro de Assis Brasil se junta aos inúmeros textos, imagens, figuras, personagens e imagens que revelam os traços delirantes do regime político. O romance sinaliza, também, para a atenção que o autor dedicou à configuração histórica que ia além do território nacional, o que o enquadra como um texto de características universais, nas quais a condição humana é foco principal.

O livro de Assis Brasil também demonstra as sensações e sentimentos ocasionados pelos impactos do regime ditatorial em território piauiense. Aponta para a mescla entre a ficção e o real. Literatura e História, Ficção e Realidade se entrecruzando nas narrativas das memórias de um período de extrema violência contra a individualidade e a liberdade. Os principais resultados de análise do estudo demonstram que o romance do escritor nascido na cidade de Parnaíba, no estado do Piauí, lança inúmeras pistas para a visualização das práticas

ditatoriais em território piauiense, além de permitir o vislumbre não somente das ações do estado, mas das próprias manifestações de resistência. Tais resultados ainda têm apontado para indícios de que tal romance deve ser percebido, lido e analisado também como um significativo romance histórico, ampliando as classificações da crítica literária, que não o enquadra como tal. Vale destacar que, pela universalidade do tema, ligado a todo e qualquer regime ou prática totalitária, o livro *Os que bebem como os cães* também pode ser tomado como um texto que desperta as reflexões sobre as políticas e ações de governos e regime políticos, inclusive em diferentes espacialidades e temporalidades.

Diferentemente do que classifica a crítica literária nacional e local, esse romance é sim de caráter histórico, pois apresenta indícios de um período no qual o silêncio e a dor eram símbolos e marcas constantes. Desconsiderar esse romance como tal, é vilipendiar a própria memória desse fatídico episódio da história nacional. *Os que bebem como os cães* é um livro que imprime certas imagens da condição humana assemelhada à vida animal. O homem perde sua racionalidade, buscando a sobrevivência em meio às práticas de privação dos direitos básicos, da verdade e da liberdade.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Os que bebem como os cães*. 7. ed. Teresina: Renoir, 2010.

_____. *Ciclo do Terror*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.

CALLAGHER, Catherine. Ficção. In: MORETTI, Franco (Org.). *O romance: a cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 629-658.

CALVINO, Ítalo. *Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Revista Literatura em Debate, v. 7, n. 12, p. 19-38, jul. 2013. Recebido em: 31 maio 2013. Aceito em: 30 jun. 2013.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Letras insulares: leituras e formas da história no modernismo brasileiro. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de M. (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 301-331.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GASPARI, Elio. *A Ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LOPES, José Leite. Tempo=espaço=matéria. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 167-176.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Augusto Santos. O escritor exorta os seus concidadãos (ou o discurso político da ficção de Saramago). In: MARAGATTO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). *Literatura/Política/Cultura (1994-2004)*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2005. p. 13-56.